

## **Conferência Internacional – Museus para quê?**

British Council e Museu do Amanhã.

Maria Ignez Mantovani Franco

Nov/2016

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao British Council por este convite tão especial para participar da abertura da Conferência Internacional “Museus para quê”?

Não poderia deixar de mencionar, em nome do ICOM Brasil, a excelência do Programa Transform de Museus, realizado pelo British Council no Brasil, nos últimos anos, em parceria com nossas principais instituições museológicas, que se constituiu numa experiência de revitalização para os nossos museus e um grande estímulo para os profissionais brasileiros.

Dou ainda as boas-vindas aos demais conferencistas estrangeiros que nos honram com sua presença.

Agradeço a acolhida generosa do Museu do Amanhã, que contracena perfeitamente com o tema desta Conferência, e desejo um evento muito produtivo a todos os participantes.

Convido-os a assistir um filme inspiracional, que escolhi para esta ocasião.

[VÍDEO – Disponível em: <https://youtu.be/tyaEQEmt5ls>]<sup>1</sup>

Assistimos juntos a um vídeo emocionante, que nos faz refletir sobre quem de fato somos, quem gostaríamos ou não de ser, e por que; e ainda, o quanto temos a ver com o mundo – e é mais do que imaginamos!

---

<sup>1</sup> O vídeo em questão é uma ação da Momondo e é parte de uma campanha baseada em pesquisa global realizada pela AncestryDNA, com 7.200 pessoas que não tinham ideia da diversidade de suas origens. Em abril de 2016, 67 pessoas de todo o mundo foram convidadas para o projeto "The DNA Journey" em que, por meio de testes de DNA, poderiam descobrir mais sobre sua ascendência. O resultado está neste vídeo, utilizado para o lançamento da campanha, produzido pela & Co Agency e pela Bacon, em formato de um minidocumentário. Em parceria com dois laboratórios (AncestryDNA e 23andMe), a Momondo ampliou o projeto e lançou uma ação mundial que vai distribuir kits para que 500 pessoas de 19 países tenham a oportunidade de fazer o teste de DNA e gravar a reação ao receber o resultado do exame.

Vimos como somos, em geral, orgulhosos de nossas origens, de nossas heranças, de nossas tradições. Julgamos saber tudo sobre elas, somos patriotas e também ciosos de nossa ancestralidade, até onde a conhecemos.

Alguns se acham os melhores do mundo, mais fortes, mais poderosos, e são felizes por se sentirem totalmente seguros de que são 100% de uma procedência conhecida, na qual se referenciam. E muitas vezes pensamos no resto do mundo como “os outros”, distantes e diferentes de nós mesmos.

Vimos também que quando somos acionados a pensar em outras nacionalidades e países, afloram imediatamente os preconceitos advindos da herança de conflitos étnicos, religiosos, de raça, de língua, de desconhecimentos mútuos.

Será que teríamos coragem de nos submeter a um teste de DNA, como o que vimos há pouco, para saber quem de fato somos?

O exame de DNA poderá revelar partes híbridas de nós mesmos que conflitam com nossa maneira de ser e de pensar. Poderemos descobrir que somos exatamente resultantes de uma parte antagônica que existe em nós – temos a chance de ser até “primos distantes” daqueles que desprezamos, que detestamos, que não aceitamos...

Poderíamos mesmo nos perguntar quantos por cento de nós vêm do “dark side of the force”... (por analogia ao Star Wars).

Até onde o que somos, o que sentimos, o que pensamos é resultado da nossa herança conhecida, e quanto de nós é formado e estruturado a partir de outras ancestralidades que ainda estão por ser reveladas?

A ciência hoje coloca nossa história pessoal, familiar e coletiva num pequeno tubo de ensaio; os testes de DNA nos evidenciam que somos resultado de pontos híbridos, de múltiplas origens, muitas vezes distantes de nosso mundo.

Como bem disseram os participantes do vídeo que assistimos há pouco, “já não é mais possível pensar no conceito de raça pura”, ou melhor, “somos oriundos de muitos lugares”, “somos verdadeiros seres do mundo”.

O mapa-múndi deixou de ser autorreferente – ele pode hoje situar ancestralidades desconhecidas e até mesmo indesejadas para cada um de nós.

Seríamos nós, de alguma forma, parentes dos refugiados dos quais desviamos nosso olhar, dos quais evitamos nos aproximar, os quais buscamos ignorar?

Temos conseguido considerar a migração humana como um processo contínuo, uma grande permanência na trajetória humana?

Uma das falas mais incisivas que ouvimos nesse vídeo foi a de que “certamente não haveria extremismo no mundo, se as pessoas conhecessem de fato suas múltiplas raízes e origens”.

“Um mundo aberto começa com uma mente aberta” é a frase que levaremos hoje conosco para casa.

Uma das coisas a que este vídeo inspiracional pode nos remeter é a pensar no lugar do museu no mundo contemporâneo.

Nada é mais complexo do que o cenário geopolítico que nos envolve e as consequentes distâncias ou interligações entre diferentes povos, culturas, entre diferentes religiões e formas de viver. Neste mundo permeado por tantas formas de extremismo, fundamentalismo, intolerância, dissidência, e muitas vezes de produtivas resistências, temos sim que nos perguntar sempre: Museu, por quê? E para quem?

O museu é hoje um agente de transformação em rede, que se conecta de forma exponencial com outros elementos mutantes de múltiplas cadeias, todos voltados a cocriar novas relações, novas linguagens e tecnologias, propondo sinapses interativas e construtivas, capazes de transformar o presente e construir o futuro.

Neste século em que vivemos, as questões intrínsecas de estabilidade das fronteiras políticas, econômicas, éticas, estéticas, étnicas já se esvaíram em prol de um plano de mutações crescentes.

Novas plataformas tecnológicas e comunicacionais transformam o hoje em amanhã, num piscar de olhos; elas possibilitam que

possamos estar, presencial ou virtualmente, em qualquer ponto do mundo.

No entanto, uma ameaça terrorista nos impede de voar para um destino que prevíamos, um tremor de terra ou a erupção de um vulcão nos impede de curtir as férias tão esperadas, uma ameaça de pandemia nos impede de participar de um encontro internacional, ou seja, nossa vida é permeada de fatos imponderáveis, inevitáveis, que não podemos controlar. Os desastres ambientais, as epidemias mundiais ou o terrorismo fazem de nós cidadãos do mundo, ameaçados por sistemas de instabilidade global. Há situações que fogem ao controle do indivíduo e nos sentimos reféns de processos coletivos. Nasce daí novas formas de organização social, estruturadas sob a égide da mútua cooperação, experimentando novas redes compartilhadas de articulação.

Mais do que isso, a tecnologia e a ciência nos possibilitam descobrir não só para onde podemos e devemos ir, mas também lugares inesperados de onde viemos que, de alguma forma, não sabíamos contemplados em nossa cadeia ancestral do DNA. Isso alterou nossos quadros referenciais de forma assustadora e revolveu, numa rapidez incrível, nossa capacidade de nos relacionar com a memória, com o sentido de pertencimento a nós mesmos, à nossa família, ao nosso país, ao nosso continente, ao nosso mundo e a novos mundos até agora desconhecidos, que podem se revelar e ser também nossos.

E neste movimento de transformações aceleradas em que o mundo todo está envolto, o museu assume o papel social de ancoradouro da memória, de elo de pertencimento, de esteio das relações humanas, de entrelaçamento de expectativas, de sinapse entre as disciplinas, de construção de novas visões de mundo. Ao museu cabe rememorar a todos o que é importante lembrar e o que é preciso esquecer – ele nos apresenta novas leituras sobre o passado e nos evidencia ser fundamental salvaguardar o presente para nos referenciar no futuro.

O museu, lugar de interpretação e de construção de significados, ocupa uma posição privilegiada na cena contemporânea. Oferece um espaço e conteúdos de temporalidade amalgamada, reconstitui a memória do passado, testemunha e reflete sobre o presente, e produz o patrimônio do amanhã.

Como criação humana, os museus não deveriam ficar submissos a uma replicação inalterável. É preciso fugir à tirania do DNA, ao determinismo genético. Verifica-se que um ser humano tem, em média, 60 mutações em relação aos seus pais, o que, no entanto, não se constitui em algo inesperado. O determinismo genético não pode ser negado, mas somos forçados a admitir que a replicação permite alguma “flutuação”.

À semelhança do que ocorre com seus criadores, os seres humanos, os museus devem gerar seus “processos de mutação”, no mínimo como forma de atender a um requisito de “seleção natural”. Mutações podem, em alguns casos, proporcionar uma vantagem na luta pela vida, como parte do processo de seleção natural. Assim, para se manterem vivos e atuantes na sociedade, os museus também devem assimilar as crises e as dissonâncias como elementos vitais de mutação social e institucional. Devem evoluir, mudar, transformar, reinventar a si próprios. Os casos em que os museus permanecem inertes e imunes às mudanças e transformações geram inexoravelmente processos perversos de estagnação. Não será difícil lembrar daqueles museus que, por não quererem ou não conseguirem se adaptar a novos tempos, pereceram.

Os museus contam, em sua essência, e a seu favor, com a relevância do objeto como fonte inesgotável de transmissão de histórias. Na contemporaneidade também nos valem dos objetos para sintetizar histórias neste mundo híbrido e mutante, utilizando diferentes linguagens.

Ao museu cabe atuar na sensibilização de seus diferentes públicos, servindo-se de sua arma mais poderosa, ou seja, suas coleções. É a instituição vocacionada à construção do coletivo e à salvaguarda dos valores universais.

No contexto museológico, as coleções se compõem – ou se contrapõem – por meio de distintas associações, arregimentando diferentes discursos e leituras.

Num espelhamento direto com o mote desta minha fala, podemos dizer que a pluralidade das culturas e dos objetos que compõem o museu remetem à mesma representação da diversidade de origens e procedências que o teste de DNA pode revelar sobre o ser humano.

Para falar em objetos e coleções, escolhi trazer a vocês, simbolicamente, neste dia, em atenção inclusive aos britânicos que conosco generosamente compartilharam o Programa Transform de Museus, alguns pontos do pensamento de Neil MacGregor, ex-diretor do British Museum. Trata-se do livro de sua autoria, “A história do mundo em 100 objetos”, que fundamentou uma série transmitida pela Rádio 4, da BBC, globalmente, em 2010. A seleção feita por especialistas do British Museum e de outras partes do mundo, sob a batuta de MacGregor, reuniu uma série de 100 objetos das coleções do museu, representativos de um período compreendido desde os primórdios da humanidade, há 2 milhões de anos, até a contemporaneidade. Os objetos escolhidos variaram de uma panela a um galeão dourado, de um utensílio da idade da pedra a um cartão de crédito, e representaram as mais diferentes culturas e temporalidades.

O primeiro ponto de reflexão trazido por MacGregor é a consciência de que, se quisermos contar a história do mundo, ela deve ser narrada pelos objetos, uma vez que apenas uma parte ínfima da história recente poderá ser contada por meio da escrita, já que ela é uma descoberta relativamente tardia na história humana (3 a 4 mil a.C.). Assim, vemos que os objetos assumem um papel estruturador nos museus e no mundo, como fontes inesgotáveis de narrativas coletivas que podem e devem ser compartilhadas socialmente.

Outra questão relevante apontada por MacGregor é o fato de que um único objeto tem o poder de contar distintas histórias, ou seja, ele perpassa períodos de ocupações, espólios de guerra, gabinetes de curiosidades, pode integrar diferentes e sucessivas coleções, agregando a cada passagem novos sentidos a serem interpretados pelo museus e apropriados pelo público.

Por outro lado, o objeto, quando musealizado, está aberto a novas indagações e composições. Ou seja, está continuamente disponível para ser analisado por novos pesquisadores, e para compor novos conjuntos, novas séries, novos programas, novas exposições. É estimulante pensar que eles propiciam inesgotáveis oportunidades de livre associação, de leitura, de seleção, de justaposição, de questionamentos.

Na verdade, constatamos que, para contar distintas histórias do mundo, no museu os objetos se conectam, se relacionam.

Assim como cada geração traz mutações genéticas e gera as diferenças entre si, o mesmo ocorre com a família dos objetos, ou seja, com as diferentes culturas. O encontro e a articulação entre essas múltiplas culturas se dá, no museu, por meio de objetos sagrados, rituais, bélicos, instrumentais, cotidianos, entre outros.

Não por acaso, os museus serviram, historicamente, durante séculos, para sintetizar e reforçar discursos políticos, nacionalistas ou não, e salvaguardar, reafirmar os legados de estados hegemônicos. É dado ao museu o desafio contínuo de privilegiar diferentes narrativas, diferentes histórias, contadas por objetos muitas vezes valiosos, insólitos ou inusitados, mas também por outros de feitura simples, de uso cotidiano, e de múltiplos significados.

O compromisso contemporâneo do museu é fazer com que a história da humanidade possa ser transmitida para o futuro, por meio dos objetos, sob a ótica do conhecimento humano. Olhar para o futuro significa acreditar que novas tecnologias e a ciência encontrarão novos signos, novos indícios e novas possibilidades de leitura dos mesmos objetos, propiciando um crescente conhecimento da história passada, presente e futura da humanidade.

Hoje conhecemos muito mais do passado do que quando ele era o presente; no futuro, conhecerão muito mais sobre nós e sobre o nosso presente, e certamente proporão novas releituras de nosso passado. O presente é um *link* entre o passado e o futuro, repleto de incertezas que não deixam de ser atemporais.

Devemos nos perguntar continuamente: museus para quê? Para perpetuar a história da humanidade?

E que história da humanidade queremos ver perpetuada? Uma história também de vencidos e não apenas de vencedores? Quem terá melhores condições de contar a história de uns e de outros?

A história que queremos transmitir para o futuro depende de quais museus desejamos construir e defender hoje, depende da camada de incertezas que pudermos considerar, depende essencialmente da nossa capacidade de conviver com a instabilidade, que é algo inerente ao nosso tempo.

Os museus podem ser espaços de reflexão, vocacionados a despertar a capacidade crítica, de percepção do outro, o valor do conhecimento e as múltiplas formas possíveis de convivência humana. São organizações abertas à cocriação, à fruição compartilhada.

Por ocasião da última Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus – ICOM, realizada em julho passado, em Milão, tivemos a oportunidade de assistir a uma mesa-redonda intitulada “O papel social dos museus: novas migrações, novos desafios”, que trouxe temas de grande relevância. Compuseram essa mesa: David Throsby, da Austrália, um dos nomes consagrados da economia da cultura; David Fleming, diretor dos Museus Nacionais de Liverpool, Reino Unido; Giusi Nicolini, Prefeita de Lampedusa, Itália; e Marlen Mouliou, do CAMOC – Comitê Internacional para as Coleções e Atividades de Museus de Cidades do ICOM e da Universidade Kapodistrian, de Atenas, Grécia.

Entre os temas abordados, destaco inicialmente aquele que girou em torno dos valores sociais e essenciais do museu:

- O valor ligado à **coleção** (coração da missão museal, patrimônio comum de uma coletividade, de uma nação, da humanidade).
- O valor da **conexão** (o museu como elo entre as coleções, os públicos e outras instituições/como lugar de conexão entre o passado, o presente e o futuro).
- O valor **educativo** (o museu como um ambiente pedagógico e cognitivo).
- O valor **estético** (o prazer, a fruição estética, o interesse dos visitantes).
- O valor **econômico** (impacto sobre o turismo, emprego, sustentabilidade institucional, inserção na economia da cultura, estratégias de conexão com programas ligados às cidades criativas, inovação, etc.).

O segundo tema de interesse dessa mesa ocorrida em Milão foi a caracterização, entre outras, do **museu mundo**, do **museu fórum**:

- Não se trata de considerar um museu universal, que queira explicar o mundo, mas sim de um museu mundo, que conviva com as incertezas do momento contemporâneo, viva das diferenças entre os homens e suas diferentes crenças, hábitos e formas de vida. Dentro de cada museu há um mundo e há também as especificidades culturais do contexto em que se encontra. Um museu mundo põe abaixo as hierarquias entre países, estabelece a necessidade de uma solidariedade internacional em torno de temas relevantes para a vida humana; permite e propõe o compartilhamento de diferentes patrimônios e estabelece elos de conhecimento sobre eles.
- Ao museu cabe compreender e dissolver impenetráveis formas de extremismo, de fundamentalismo, de intolerância, de autoritarismo, de xenofobia, de homofobia, de desrespeito, de exclusão, de desigualdade.
- O museu não é o território da conformidade ou da neutralidade; o museu é sim o lugar da dissidência, da ruptura e da resistência. A ele cabe hibridar culturas, dirimir preconceitos, estreitar distâncias, reconhecer e respeitar diferenças.
- Num mundo marcado pela mutação, pelo terrorismo e pelo fundamentalismo, cada museu tem o seu papel de conectar sentidos e culturas capazes de compreender as diferenças e levar o indivíduo a conhecer, reconhecer e respeitar outras culturas que não a sua.
- Sem dúvida, no contexto mundial em que vivemos, os museus podem ser peças-chave para a harmonização social, espaços privilegiados para a compreensão do mundo. Por tudo isso, o museu polimorfo deve ser também solidário. Esse museu de que falamos deve apresentar uma modernidade multicultural e transcultural; deve se apropriar de diferentes conteúdos, diferentes linguagens, ser educador, ou seja, se caracterizar como um lócus de mediação por excelência.
- Os debates em torno dos temas polêmicos que agitam o mundo devem, sim, ter lugar no museu.
- O museu passa a ser não apenas um lugar de descoberta, mas também de reflexão sobre o mundo.

Estamos, portanto, falando não apenas do museu mundo, mas também do museu fórum – o ágora<sup>2</sup> – no sentido mais amplo da palavra grega.

O museu contemporâneo deve se caracterizar com esse espaço fórum, onde podemos cocriar as relações sociais, simulando constantemente o espaço e o tempo.

O painel que marcou a Conferência de Milão, ao qual me refiro hoje, trouxe ainda um outro tema relevante – **a emergência em museus** – apresentado por Marlen Mouliou, ex-presidente do CAMOC.

Segundo ela, os museus devem desenvolver as competências de:

- Curar relações humanas.
- Reconhecer mudanças sociais.
- Estimular o público a discordar e a avaliar diferentes visões.
- Compartilhar experiências e conhecimentos.
- Ser espaço de compaixão e humanidade.

Esperamos que o museu possa se revelar como algo indispensável, básico e necessário para a vida humana. Só assim ele manterá seu sentido maior e agregador, ou seja, “ser espaço de compaixão e humanidade”, nas palavras de Marlen Mouliou.

Por tudo isso, e para finalizar, só nos resta uma certeza – a de que devemos nos perguntar continuamente, incessantemente: museus para quê? E para quem?... E de que temos de ficar implacavelmente descontentes com qualquer resposta, para que a pergunta persista no ar, de forma a iluminar os museus, inspirando-os a se questionarem, inovarem e reinventarem.

Obrigada!

---

<sup>2</sup> Espaço público aberto, onde as pessoas se reuniam na Grécia Antiga para atividades políticas, sociais, comerciais ou culturais.